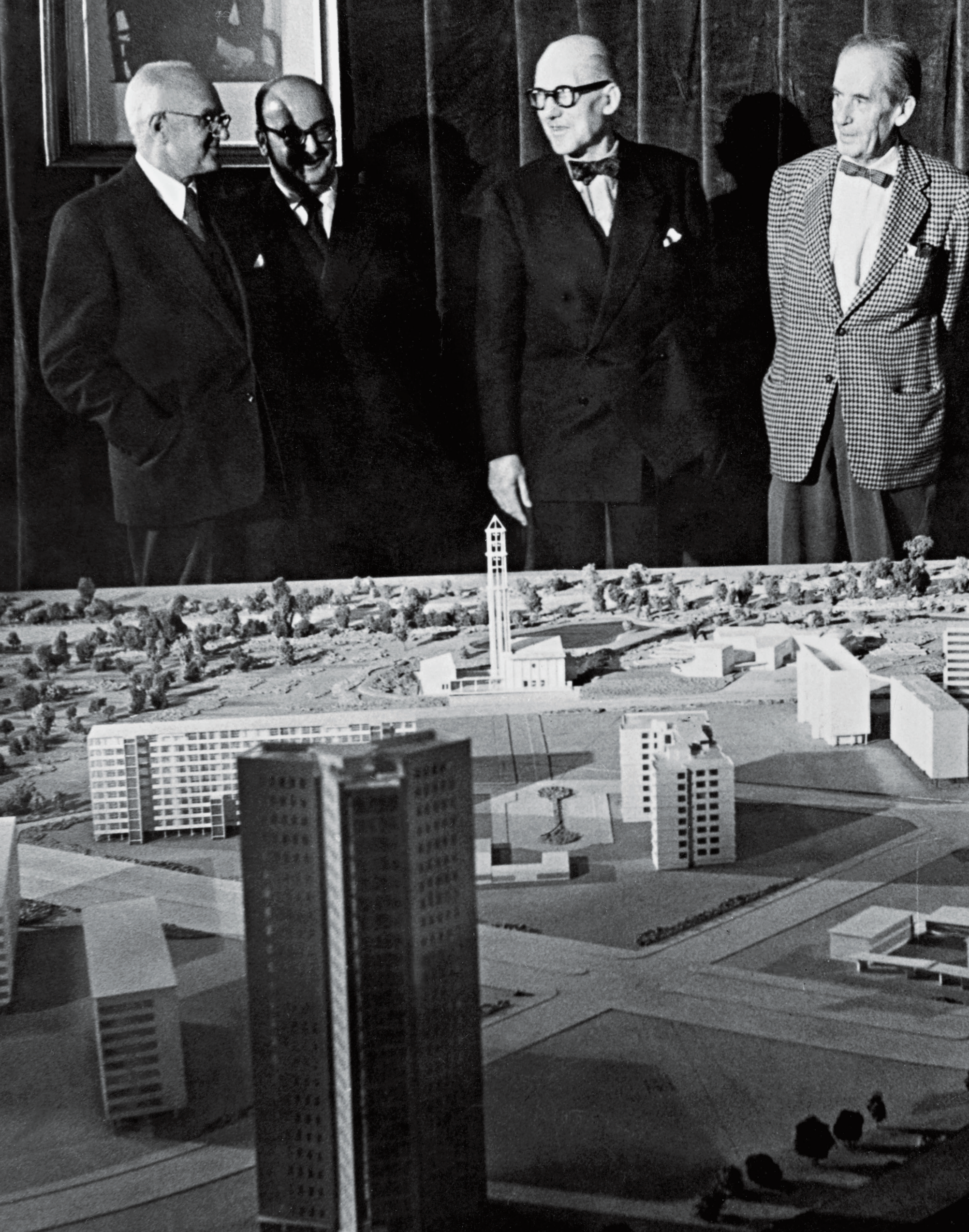
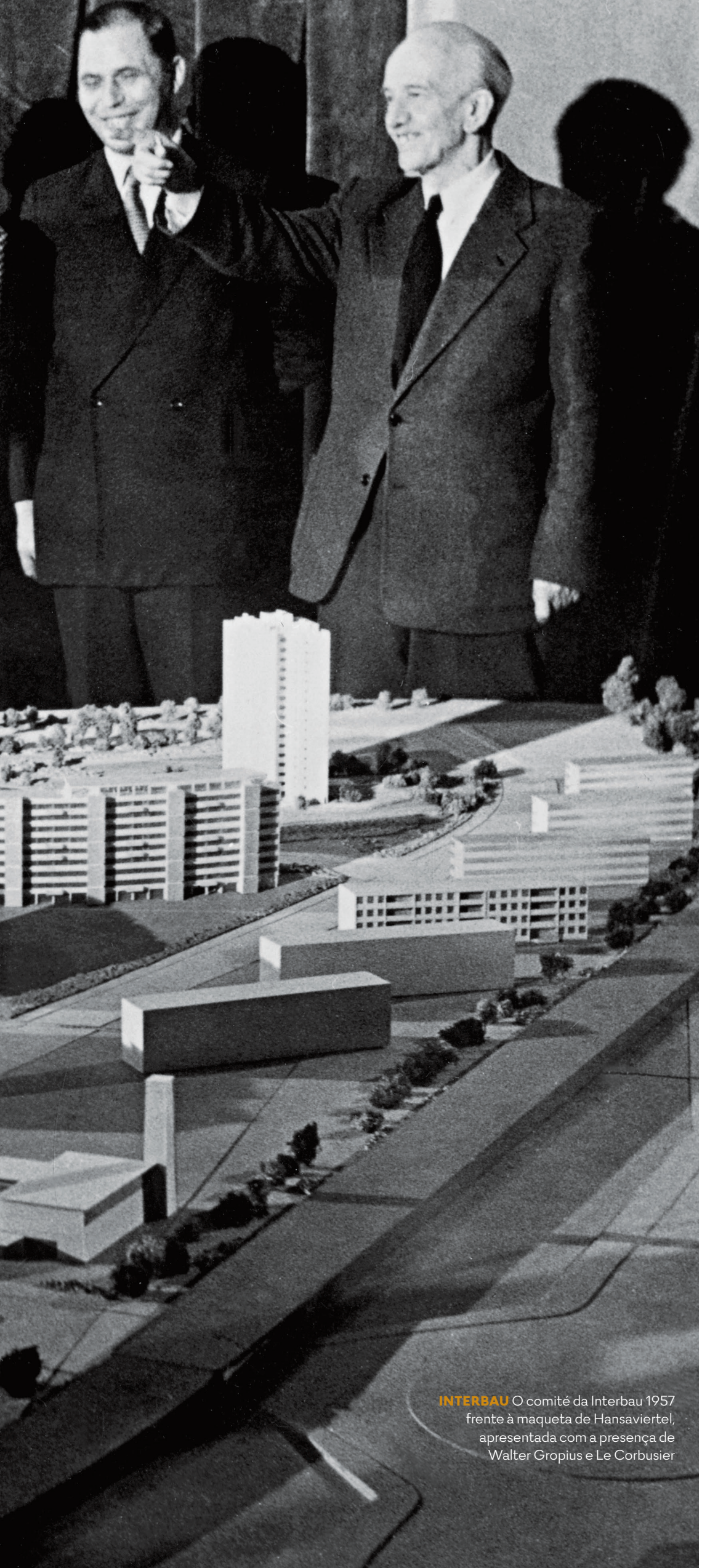
3.° lugar

Valdemar Cruz

"A (outra) Batalha de Berlim"

Expresso Revista E, 13 de junho 2020





INTERBAU O comité da Interbau 1957 frente à maqueta de Hansaviertel, apresentada com a presença de Walter Gropius e Le Corbusier

ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

+E

A (outra) batalha de Berlim

Como nenhuma outra no mundo, a cidade dividida foi o grande palco do confronto Leste-Oeste, com a arquitetura a servir de arma ideológica, instrumento de propaganda e fator de provocação a duas conceções opostas de sociedade. Tudo com o envolvimento de grandes nomes da arquitetura mundial, como Le Corbusier, Oscar Niemeyer, Hermann Henselmann, Alvar Aalto ou Walter Gropius

TEXTOS
VALDEMAR CRUZ

Se a pronúncia alemã é sofrível, ninguém repara. Uma multidão entra em delírio ao ouvir John F. Kennedy, Presidente dos EUA, na Rudolf Wise Platz, em Berlim.

"Eu sou um berlinense."

Com apenas quatro palavras, alicerça um dos mais emblemáticos discurso da Guerra Fria. Naquele dia 26 de junho de 1963, o mundo anda a roçar o abismo. A Alemanha está dividida em quatro zonas de ocupação, correspondentes às potências vitoriosas da II Guerra Mundial. Berlim, situada bem no coração da área de influência soviética, no território da República Democrática Alemã, continua também espartilhada por quatro sectores. Em agosto de 1961 começara a construção de um muro a demarcar a fronteira entre as partes oriental (sob influência da URSS) e ocidental (sob influência dos EUA, Inglaterra e França). Uns meses antes, entre 17 e 20 de abril, ocorrera em Cuba a célebre Batalha de Girón, ou invasão da Baía dos Porcos, uma tentativa frustrada de derrubar Fidel Castro desencadeada por um grupo treinado pela CIA e com o apoio militar dos EUA. A ação ocorre apenas três meses após a tomada de posse de John F. Kennedy (1917-1963) e vai ter uma relação direta com a Crise de Outubro de 1962. Após a instalação pela URSS de mísseis balísticos em Cuba, o mundo vê-se, como nunca estivera e porventura jamais voltará a ter estado, na eminência real de um conflito nuclear entre as duas superpotências. Kennedy e o dirigente soviético Nikita Khrushchev (1894-1971) percebem a dimensão do perigo e iniciam uma troca privada de correspondência na qual chegam a admitir a possibilidade de acabar com os testes nucleares.

Em Berlim, o Presidente dos EUA, e para lá da frase de efeito, projeta um discurso cuja dimensão anticomunista faz soar campainhas de alarme nos seus conselheiros mais próximos, dado o risco de cortar as pontes negociais com os soviéticos tão laboriosamente construídas nos últimos meses.

Kennedy, assassinado cinco meses depois em Dallas, nos EUA, ao visitar a Alemanha pretende expressar e reforçar a solidariedade norte-americana para com a particular situação de Berlim. Aquele 26 de junho é um dia frenético. Acaba por ficar demasiado preso à grandiloquência simbólica das frases e à coreografia das massas. Nos subterrâneos destes grandes gestos há toda uma infinidade de outros episódios. Não terão lugar evidente na parafernália de recordações de um dia memorável. Embora, com o passar do tempo, tenham vindo a conquistar um espaço relevante nos detalhes com os quais sempre se constroem as grandes narrativas.

John F. Kennedy começa o seu discurso de nove minutos e uns segundos frente à Rathaus Schöneberg após uma curta deslocação a pé para visitar o emblemático Checkpoint Charlie, o posto criado pelos Aliados em 22 de setembro de 1961 na Friedrichstraße, na zona sob controlo dos EUA, para registar as viagens de turistas, diplomatas e militares norte-americanos, da Grã-Bretanha e França ao lado leste de Berlim

Menos conhecida será a circunstância de, na companhia do chanceler alemão, Konrad Adenauer, e do presidente da Câmara de Berlim, Willy Brandt, ter visitado primeiro o Kongresshalle, no Tiergarten, a seguir as Portas de Brandemburgo e por fim o Checkpoint Charlie via Hansaplatz. Não há nada de fortuito nem de inocente na opção do Presidente dos EUA de, num momento tão tenso e intenso como aquele, optar por visitar um salão de congressos e um conjunto de edifícios em Hansaviertel, entre Tiergarten e o rio Spree.

Os dois conjuntos projetavam uma forte carga ideológica e de afirmação dos valores do mundo a que chamaremos ocidental por comodidade de expressão.

A Guerra Fria há muito deixara de ser, ou porventura nunca fora, um assunto apenas militar ou de jogo político na sua expressão mais comum. Expressava-se nos mais diversos domínios da vida dos dois blocos, com a arquitetura a conquistar uma inesperada relevância. Após a II Guerra Mundial, o simples ato de construir habitação numa Berlim arrasada surgia carregado de ideologia, com a cidade a servir de laboratório e montra para cada um dos sectores explorar novos conceitos de cidade, de sistema e até de sociedade. Durante a Guerra Fria, dizem ao Expresso, numa resposta conjunta, Thomas Flierl, presidente da Fundação Hermann Henselmann, e Jörg Haspel, presidente da ICOMOS-Conselho Internacional de Monumentos e Sítios da Alemanha, "a Berlim foi atribuído o papel de montra e baluarte. Uma montra para os feitos do Ocidente, bem como uma montra para os esforços do Leste, mas também um posto avançado de dois sistemas opostos, com a Cortina de Ferro e o Muro de Berlim, além de um ponto quente para espiões de ambas as partes deste conflito Leste-Oeste". Nesse sentido, prosseguem, "a reconstrução da cidade devastada e dividida ofereceu às duas partes as melhores condições para uma demonstração através da arquitetura, aos residentes, visitantes e *media* de todo o mundo, da superioridade dos respetivos sistemas".

O bairro de Hansaviertel, um dos mais destruídos durante a guerra — nove em cada dez edifícios foram arrasados —, era uma zona residencial onde tinham vivido pessoas tão diferentes como Käthe Kollwitz (1867-1945), artista gráfica e escultora com uma obra muito centrada nas mulheres e nas classes trabalhadoras, Kurt Tucholsky (1890-1935), poeta, ensaísta satírico, muito conhecido pelas suas canções de cabaret, Vladimir Ilyich Lenin (1870-1924), ou Rosa Luxemburgo (1871-1919), além de muitos escritores, artistas ou políticos.

O novo bairro de Hansaviertel, construído entre 1957 e 1961, constituía a mais poderosa e empenhada resposta do bloco ocidental ao tipo de construções erigidas no lado oriental de Berlim, em particular na então chamada Stalinallee, com os seus edifícios apalaçados destinados às classes trabalhadoras. Para Hansaviertel, e a pretexto da exposição Interbau 1957, são chamados a participar com projetos próprios de construção alguns dos nomes maiores da arquitetura internacional, como Alvar Aalto, Walter Gropius, Oscar Niemeyer, Le Corbusier, Hans Scharoun (depois autor do edifício da Filarmonia de Berlim), Egon Eirmann, ou Pierre Vago, editor da célebre revista "L'Architecture d'Aujourd'hui" e secretário-geral da União Internacional dos Arquitetos.

O Kongresshalle, hoje Casa das Culturas do Mundo, é, por excelência, o edifício montra, o símbolo maior da arquitetura como veículo de propaganda. Oferecido à cidade por um conjunto de comissários norte-americanos durante a Interbau 1957 — Exposição Internacional de Construção, tem a assinatura de Hugh Stubbins. Como afirmou mais tarde o próprio arquiteto, o Salão de Congressos "era essencialmente um edifício de propaganda apontado aos soviéticos, que estavam apenas a meia milha de distância".

Com os seus interiores generosos e as grandes fachadas em vidro, pretendia associar a ideia de transparência e abertura aos valores de liberdade e democracia. O desabamento do telhado em 1980 e a sua reconstrução em 1989 permitiram redefinir-lhe o programa, retirar-lhe a carga de grande símbolo da Guerra Fria e proporcionar-lhe uma dimensão cultural mais abrangente com a sua aposta na defesa e divulgação das culturas do mundo.

O plano para Hansaviertel surge como reação, um pouco tardia, ao que se passava no lado Leste de Berlim, onde a República Democrática Alemã (RDA) lançara um ambicioso programa de construção. Começava a ser comum, aos domingos, assistir-se a verdadeiras peregrinações de habitantes de Berlim Ocidental, curiosos e até espantados com a imponência dos primeiros blocos habitacionais em construção no *boulevard* Stalinallee, com projeto de Hermann Henselmann.

É nesse confronto, nessa dicotomia que vão ser postas em evidência em Berlim duas visões antagónicas da arquitetura. Uma muito vinculada ao chamado Estilo Internacional (Berlim Oeste), outra vinculada a um certo historicismo regional (Berlim Leste). Estas arrumações pecam por simplismo, é essencial dizê-lo, e acabam por se revelar ineficazes para espelhar em toda a sua dimensão a complexidade e diversidade de estilos desenvolvidos de ambos os lados.

Isso mesmo é realçado por Wilfried Wang, professor da Escola de Arquitetura da Universidade do Texas, Austin, EUA, e responsável pelo gabinete Hoidn Wang Partner, de Berlim, quando afirma terem

DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM / S. AHLERS

PROPAGANDA
Cartaz do 1º de Maio de 1953 na RDA com os prédios berlinenses de Stalinallee em fundo

PHOTOQUEST/GETTY IMAGES

BRATKE/PICTURE ALLIANCE VIA GETTY IMAGES

BAAR/ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

CENÁRIOS Uma multidão acolheu John F. Kennedy na sua visita a Berlim, onde proferiu o célebre "Ich bin ein Berliner" depois de ter visitado algumas das inovações arquitetónicas da cidade (foto de cima); edifício construído por Oscar Niemeyer no Hansaviertel (em cima); à esq., o edifício de Walter Gropius; panorâmica do grande *boulevard* Stalinallee depois rebatizado Karl-Marx-Allee (foto de baixo)

LEHNARTZ/ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

existido na cidade "diversas formas de propaganda. O interessante é que ambos os lados abraçaram princípios modernos, criando espaços públicos generosos. No Leste, com o estilo neoclássico estalinista. No Ocidente, com o estilo modernista. Isto nos anos 50, porque nos anos 60 e 70 houve, na RDA, um regresso a uma espécie de modernismo".

Mais assertivo, o francês Jean-Louis Cohen, arquiteto, historiador, professor na New York University, para lá de recusar uma associação da Interbau ao Estilo Internacional prefere reconhecer naquelas construções algo do Movimento Moderno "com os seus diferentes componentes". Oscar Niemeyer e Walter Gropius, dois dos grandes arquitetos com projetos construídos em Hansaviertel, "são radicalmente diferentes e apenas superficialmente podem ser equiparados. Aquilo não é Estilo Internacional. É uma colaboração pluralista em várias direções com o movimento moderno".

Como a história dos povos e dos países é dinâmica, acontece em Berlim o que por norma sucede em qualquer espaço onde se confrontam diferentes interesses, perspetivas ou vontades humanas. De início há um consenso para planear Berlim como um todo, não obstante ser uma espécie de ilha cravada no meio da RDA. Como explica Vladimír Šlapeta, professor de arquitetura nas Universidades Técnicas de Praga e Brno, na República Checa, e um especialista em arquitetura da Europa de Leste, o primeiro comandante soviético da cidade, o general Nikolai Berzarin, e após acordo com os aliados ocidentais, nomeara em maio de 1945 Hans Scharoun como primeiro conselheiro da cidade. De imediato organiza um grupo de arquitetos, arquitetos paisagistas e urbanistas, muitos deles ligados à Bauhaus, como Selman Selmanagic, Wils Ebert, ou antigos colaboradores do célebre arquiteto Bruno Taut. Em conjunto elaboram o primeiro plano para a reconstrução de Berlim.

Álvaro Siza, que em 1980 teve de contactar a fundo com a realidade arquitetónica da cidade para construir o projeto de habitação social Wohnhaus Schlesisches Tor (Bonjour Tristesse), recorda a ideia de Scharoun de "fazer aquilo a que se chama tábua rasa. O que não tivesse caído deitava-se abaixo e fazia-se de novo, até porque se pretendia apagar as marcas da guerra".

Era a aposta numa espécie de cidade linear, com uma rede viária e bairros residenciais de várias tipologias com muitos espaços verdes, em vez dos tradicionais blocos urbanos da cidade. Pretendia-se, refere Vladimír Šlapeta, "uma combinação da experiência dos conjuntos habitacionais da República de Weimar, da ideia de planeamento no sentido da Carta de Atenas de 1933 (compromisso assinado no final do Congresso Internacional de Arquitetos do qual resultam orientações urbanísticas inspiradoras dos novos caminhos tomados pela arquitetura contemporânea), e da conceção americana de sistema de tráfico, que permitira boas conexões entre zonas residenciais e industriais".

O plano é apresentado em agosto de 1946 e as ideias de Scharoun são fortemente apoiadas a partir dos EUA pelos seus amigos Walter Gropius e Martin Wagner, mas muito criticadas por opositores domésticos. Após as primeiras eleições de outubro de 1946, Scharoun é substituído por Karl Bonatz, regressado do exílio na Turquia e adepto de conceitos mais tradicionais do planeamento urbanístico.

Passo a passo, a coordenação entre os dois sectores de Berlim vai desaparecendo e nos finais de 1948 já

cada um está virado para o seu próprio umbigo. A este propósito, Álvaro Siza evoca um episódio elucidativo vivido muito mais tarde. Em dada altura é lançado um concurso para a edificação de um monumento às vítimas alemãs do nazismo, no qual participa. Situar-se-ia, diz, "mais ou menos onde estavam os grandes edifícios do poder nazi. Havia um júri constituído por arquitetos dos dois lados. Logo na primeira reunião, em que estive presente com outros concorrentes para clarificar o programa, acabou tudo mal. Zangaram-se todos e não houve mais reuniões". Era, diz a concluir, "uma relação muito difícil".

Jean-Louis Cohen convoca o período de intensa discussão no final dos anos 40, dado "os primeiros planos de reconstrução serem para uma Berlim unificada. Após o bloqueio de 1948, do qual resultaram dois Estados alemães, tudo muda". Em Berlim Leste, sob pressão da URSS, segundo algumas teses, em resultado da pressão exercida pelos próprios alemães sobre os soviéticos, segundo outras teorias, avança "a ideia do realismo socialista, com rejeição do modernismo. Isso acontece em particular em 1951".

A partir de 1953, a velha Große Frankfurter Straße e a Frankfurter Allee são transformadas num eixo monumental marcado por uma grande unidade estrutural e uma opção pelas soluções de pendor coletivo. Num curto espaço de tempo — e esse é também um feito impressionante — as autoridades da RDA constroem a Stalinallee, em homenagem a José Estaline (1878-1953), o homem-forte da União Soviética.

São prédios com um carácter monumental, constituídos por uma espécie de palácios residenciais, lojas e equipamentos culturais, delimitados por grandes praças. Ganham preponderância edifícios depressa tornados icónicos, como o Restaurante Moscovo, o Kino International, um dos mais importantes cinemas de estreia de Berlim e palco da Berlinale desde 1990, o Hotel Berolina, já destruído, ou a Casa do Professor (Haus des Lehers), construída próxima de Alexanderplatz.

A Stalinallee, rebatizada Karl-Marx-Allee em 1961, chega a ser designada como "a primeira rua socialista na Alemanha", no catálogo "Karl-Marx-Allee and Interbau 1957 – Confrontation, Competition and the Co-evolution of Modernism in Berlin", consultado para este trabalho. O influente arquiteto italiano Aldo Rossi (1931-1997) considerava-a "o último grande *boulevard* construído na Europa". Uma afirmação que o arquiteto francês Jean-Louis Cohen justifica com o facto de Rossi "discordar completamente do tipo de desenho urbano desenvolvido na Interbau".

Na opinião do arquiteto francês "houve na Stalinallee uma agenda deliberadamente nacionalista, com uma arquitetura conectada com o discurso estalinista, materializado no conceito 'socialista no conteúdo, nacional na forma". No outro lado, prossegue, "assistiu-se a uma aposta deliberada em ser internacionalista. De alguma forma para expressar a diversidade do modernismo e retirar todas aquelas marcas nacionalistas. Razão pela qual foram convidados arquitetos do Brasil aos EUA, França, Holanda, Itália ou Alemanha", mas da parte ocidental da Alemanha, já que nenhum convite chegou aos arquitetos a trabalharem na RDA.

A afirmação de Rossi, lembra Siza, "causou muita celeuma. Faz parte de uma polémica que existia entre uma arquitetura moderna, estilo internacional, com novas conceções e uma parte que contestava esse movimento". A proximidade entre estes dois arquitetos ficou expressa numa exposição organizada a pretexto da Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2016, intitulada "Neighbourhood: Where Álvaro meets Aldo", depois apresentada também no Porto e em Lisboa.

Vladimír Šlapeta comenta a frase de Rossi a partir de uma abordagem histórica um tanto provocatória, quando sublinha ter o arquiteto italiano crescido durante o regime de Mussolini, ter estudado a língua alemã e ter-se interessado pela arquitetura germânica e o seu desenvolvimento urbano após a II Guerra. Tal como outros arquitetos italianos, ter-lhe-ão escapado, diz, "as qualidades urbanas da parte ocidental da Alemanha no período tardio do funcionalismo dos anos 50 e 60, em contraste com a tradição italiana do racionalismo, desenvolvida por Terragni e outros. É por isso que Aldo Rossi acha Henselmann tão interessante".

Hermann Henselmann (1905-1995) concebe as duas torres que rematam a Stalinallee, em Frankfurt Tor e Strausberger Platz. Alguns especialistas defendem terem sido influenciadas pelas "Sete Irmãs", os arranha-céus construídos em Moscovo no período estalinista. De resto, a própria Stalinallee é muitas vezes colocada em paralelo com a Avenida Leninsky, na capital da Rússia. Existem na Europa vários modelos de desenho urbano similares à Stalinallee. Se há quem assinale a Avenue Foch, em Paris, como o que há de mais próximo, a verdade é que não havia nenhum outro exemplo de uma avenida apenas constituída por prédios destinados a trabalhadores. É uma eventualidade com muitas visões críticas, expressas por Wilfried Wang ao sugerir que "os prédios eram para a classe operária, mas ajudava se tivessem conexões no partido".

Vladimír Šlapeta vai mais longe. Embora não negue a ocupação daqueles grandes apartamentos por operários, frisa que muitos eram "ocupados pela classe proeminente da RDA". Hermann Henselmann, ou Richard Paulick, um estudante da Bauhaus que tinha regressado de Xangai em 1949 e reconstruíra a Casa da Ópera, "desenharam para eles próprios luxuosos andares no topo dos seus prédios na Stalinallee".

Com uma visão muito crítica do percurso de Henselmann, Šlapeta refere que o arquiteto, nos anos 30 construiu uma "Villa Corbusian no lago de Genebra,

KENNEDY E A BOLA DE BERLIM

O Presidente dos EUA cometeu um erro gramatical e chamou-se a ele próprio uma bola de Berlim ao proclamar "ich bin ein Berliner" durante o seu discurso de 26 de junho de 1963? A pergunta não é apenas retórica e tem justificado alguma polémica ao longo de anos.
Com efeito, segundo algumas interpretações, Kennedy teria feito um uso impróprio do artigo indefinido "ein" (um) na expressão tornada famosa. Esse detalhe terá sido o suficiente para Kennedy ter subvertido o que pretendia dizer.
Muito pensada, e, ao contrário do que muitos terão julgado, sem qualquer ponta de improviso resultante da euforia do momento, a frase é pronunciada duas vezes, uma na parte inicial, outra a finalizar o discurso. Intensamente treinada por Kennedy naquele dia até chegar ao palco do discurso, pretendia obter o efeito de ter o Presidente dos EUA a declarar-se, metaforicamente, um cidadão de Berlim.
Kennedy levava inclusive um pequeno papel onde escrevera a frase com um arremedo de transcrição fonética feita com ortografia inglesa: "ish bin ein Berleener". Não obstante os seus conhecidos conflitos com outras línguas e o seu carregado acento de Boston, aquela seria uma forma de se aproximar à fonética da frase em alemão.
Acontece que o resultado teria passado a ser uma proclamação quase anedótica: "Eu sou uma bola de Berlim." Num artigo intitulado "Eu sou um doughnut recheado de geleia" ("I am a Jelly-Filled Doughnut"), inserido na edição do "New York Times" de 30 de abril de 1988, William J. Miller, ex-editor-chefe do "New York Herald Tribuna" explorava o que chamava um erro do Presidente. Segundo o editorialista, os habitantes de Berlim nunca se referem a eles próprios como "Berliners". O termo, assegura, seria reservado para um popular doce muito consumido ao pequeno-almoço. Assim, escreve, "os moradores riram-se entre si quando ele exclamou, literalmente, eu sou um doughnut recheado de geleia".
Na verdade, em algumas partes da Alemanha, aquele tipo de doce é conhecido como "um Berliner" e as suas origens remontam aos séculos XVI e XVII. À medida que se popularizou, passou a ser conhecido como "Berliner Pfannkuchen".
A questão não seria tanto de vocabulário, mas de gramática. Na Alemanha, quando alguém pretende afirmar-se residente de uma dada região, abdica do artigo indefinido "ein". Pela mesma ordem de razão que, apesar de não ser incorreto, ninguém em Portugal diz "eu sou UM portuense", ou "eu sou UM lisboeta".
Assim, ao colocar o artigo "ein", Kennedy estaria a alterar o sentido pretendido e implicitamente a chamar-se a si próprio uma bola de Berlim.
Não é claro se parte da multitudinária assistência se terá ou não rido da frase, como alguns sustentam. Seguro é que o discurso de John F. Kennedy foi escrito com o apoio de Robert Lochner, ele próprio um berlinense, e chefe dos intérpretes de alemão para os EUA durante a II Guerra Mundial. É sabido que Lochner leu várias vezes o discurso e até que Kennedy o terá praticado frente a outros alemães, como Billy Brandt. Se havia erro, ninguém o detetou. Ou ninguém o corrigiu. Ou ninguém quis tirar ao Presidente dos EUA o prazer de uma frase de grande efeito. Ou, hipótese não descartável e com muitos defensores, apesar do seu significado dúbio, a frase não é de todo incorreta, e seria aceitável num presidente estrangeiro sobretudo interessado no poder das simbologias. / **V.C.**

na Suíça. Durante a II Guerra, construiu duas fábricas de aviões em Praga, que ainda existem, e em Szczecin, na Polónia. Nos anos 40, como novo diretor designado para a escola de arquitetura de Weimar desenhou edifícios culturais para as fábricas da Turíngia ao estilo Bauhaus".

Depois, um dado muito relevante em todo este processo. Em 1950, Henselmann integra uma excursão a Moscovo dos principais arquitetos da República Democrática Alemã, criada há apenas um ano. Integram a comitiva, entre outros, Kurt Liebknecht (1905-1994), Edmund Collein (1906-1992), ou Kurt Walter Leucht (1913-1998), sobretudo conhecido por ter planeado a cidade de Eisenhüttenstadt, próxima da fronteira com a Polónia, e inicialmente chamada Stalinstadt. Em sequência, no ano seguinte, Lothar Belz, ministro da Construção da RDA apresenta o que pode ser entendido como o resultado daquela visita, traduzido nos "16 Princípios do Desenvolvimento Urbano", imediatamente transformados, explica Vladimír Šlapeta, "em doutrina para toda a estratégia de planeamento urbanístico da RDA". O princípio 14, em particular, estabelecia que "a arquitetura deve ser democrática no seu conteúdo e nacional na sua forma, pondo em prática as experiências do povo, materializadas nas tradições progressistas do passado".

Não obstante todas estas balizas arquitetónicas/ideológicas, o processos de construção na Stalinallee está longe de ser monolítico. Arranca com traços modernistas, abraça depois opções mais tradicionalistas e regressa ao modernismo. Como assinalam Jörg Haspel e Thomas Flierl, "no início dos anos 50, e seguindo o exemplo soviético, a RDA vira as costas ao modernismo na arquitetura e no desenvolvimento urbano, para regressar gradualmente apenas dez anos depois com a industrialização da construção, seguindo de novo o exemplo soviético. Entretanto, o Ocidente abraçava convictamente durante muitos anos o conceito de 'cidade dispersa e estruturada'".

Quando em 2013 é apresentado à UNESCO o projeto de declaração de Património da Humanidade dos conjuntos constituídos pela Karl-Marx-Allee e Interbau 1957, afirmava-se num dos documentos oficiais que o confronto político Leste-Oeste e o "confronto estético entre historicismo regional e modernismo internacional" pode ser entendido como "um legado partilhado entre o Leste e o Oeste da Europa, bem como parte da nossa universal herança cultural".

Quando se pede a cada um destes arquitetos e professores para realçarem o melhor e o pior de cada um daqueles dois conjuntos, Wilfried Wang considera que em Karl-Marx-Allee "as dimensões são tão grandes, o tamanho dos apartamentos é tão grande, que na verdade não foi conseguido. Já a Interbau recoloca a cidade no patamar e filosofia que sempre teve ao longo dos anos".

Jean-Louis Cohen vê a Karl-Marx-Allee como "uma vitrina da cidade inteira, até porque a RDA não tinha muito dinheiro e, por isso, durante anos não construíram muito. Só nos anos 70, quando desenvolveram o pré-fabricado, começaram de novo a construir uma quantidade significativa de casas".

O arquiteto francês não aceita classificar aquele conjunto como "completamente soviético. Há no seu espírito alguns apontamentos de Art Déco. Depois, com o edifício do cinema e do Milk Bar criam-se importantes lugares para uma mais relaxada vida urbana".

De resto, e como salientam Jörg Haspel e Thomas Flierl, "os arquitetos das três principais secções de Karl-Marx-Allee estão entre os mais importantes da RDA. Alguns deles, como Hermann Henselmann, Richard Paulick ou Josef Kaiser tinham já uma alta reputação adquirida com as respetivas obras. O seu grau de reconhecimento e a sua reputação entre círculos de especialistas da história da arte e da arquitetura da Alemanha do período pós-guerra tem conhecido grandes avanços nas últimas três décadas". Além disso, "o debate para a declaração de Património da Humanidade contribuiu significativamente para a sua valorização e reconhecimento social generalizado". Isso foi de extrema relevância, tanto mais que os urbanistas e arquitetos da Interbau, entre os quais estavam nomes internacionalmente reconhecidos, há muito que são bem conhecidos.

Esta opinião de dois dos grandes responsáveis pela candidatura daquelas duas estruturas urbanas a Património da Humanidade ganha especial relevância. Se Berlim foi durante a Guerra Fria um dos pontos nevrálgicos de propaganda política e ideológica, por estranho que possa parecer, hoje não o será menos. Até a queda do Muro o objetivo era claro, teria a sua lógica, e passava por um combate de ambos os lados para fazer prevalecer os respetivos conceitos de sociedade. Agora, embora já não haja a premência de derrotar um adversário político situado a escassos metros, prevalece uma continuada ação de propaganda político-ideológica, empenhada na glorificação do sistema capitalista por oposição a qualquer veleidade de exploração da ideia de socialização de aspetos importantes da vivência em comum.

Basta acompanhar uma visita guiada à cidade, como o fizemos. Os guias desempenham um papel crucial nesta exploração do absurdo. Agarrados a uma narrativa histórica adulterada pelos piores vícios propagandísticos, apresentam, pelo menos na situação por nós vivenciada, uma imagem que se diria grotesca de todo o processo construtivo e decisões tomadas nos projetos relacionados com os edifícios da Karl-Marx-Allee, como se a assinar os projetos de construção daqueles edifícios não tivessem estado grandes nomes da arquitetura, mas um grupo de lunáticos em delírio criativo. O resultado é uma exagerada polarização, eficaz para provocar sorrisos de escárnio, mas da qual resulta passar por cima de todo um vasto e muito relevante conjunto de aspetos essenciais para compreender o sucedido, em termos arquitetónicos, seja na República Democrática Alemã seja na República Federal Alemã.

A arquitetura funciona na Berlim dividida como uma forma de propaganda e de provocação a cada um dos lados do conflito ideológico

A tendência para construir retratos a branco e preto leva à inevitabilidade de ignorar que o tradicionalismo nunca deixou de estar presente no lado ocidental da Alemanha, ou a circunstância de o modernismo ter sido uma opção clara no lado Leste. Embora possa ser confuso para explicações maniqueístas, a verdade é que nem sequer há aqui nada de extraordinário. Basta recuperar, explicam Thomas Flierl e Jörg Haspel, o modo como o movimento racionalista teve acolhimento no fascismo italiano até 1935, ou a circunstância de em pleno nazismo "terem sido concebidos projetos tecnologicamente avançados na vigência do Nacional-Socialismo Alemão". Se juntarmos o movimento de vanguarda na URSS nos anos 20 e 30, percebe-se como muitas vezes é possível encontrar soluções arquitetónicas ou urbanísticas avançadas, independentemente da natureza dos regimes.

Basta reparar, referem ainda aqueles dois especialistas, no "moderno estilo urbanístico de ditaduras da Europa Ocidental, depois da II Guerra Mundial, como Espanha e Portugal".

Trata-se de uma questão à qual Álvaro Siza é sensível. Em sua opinião "a arquitetura não é em si mesma fascista ou progressista. Há arquitetura feita por responsáveis fascistas, nazis, e outra feita porventura com outras considerações até relacionadas com a justiça social. Aí há uma diferença profunda".

Por vezes, prossegue, "critica-se em Portugal um edifício por ter sido feito no período fascista. E em Lisboa há muita construção feita nesse período. Aí é que costumo dizer que a arquitetura não é fascista ou progressista ou o que se quiser. Se não, não seria arquitetura. Seria gente". Ora, constata, "há boa arquitetura feita no interior de um regime fascista. Em Portugal há vários exemplos".

No início do Estado Novo, em Portugal, como em Itália, e "de certo modo na Alemanha, aparecem os melhores arquitetos. No início do fascismo em Portugal faz-se habitação operária, faz-se o programa das escolas. Claro que serão mais casas exemplares do que intenções sociais latentes. Até porque isso passa rapidamente. Será uma espécie de isco de entrada".

Dito de outra forma, e tal como põem a questão Thomas Flierl e Jörg Haspel. "não há tijolos ou janelas fascistas ou estalinistas. O valor patrimonial ou o significado cultural do legado construído de antigos Estados antidemocráticos da Europa não pode ser medido em função das intenções repressivas das clientelas políticas ou dos abusos de um regime de violência. O apagamento de uma herança antidemocrática não contribui para o esclarecimento do público, nem previne que sejam repetidos erros históricos".

O que agora se analisa com a distância permitida pelo tempo, à época surgia, antes de mais, como a expressão de uma competição sem tréguas em todos os aspetos da vida política social e cultural. A arquitetura era um elemento preponderante desta batalha pela sua visibilidade e impacto na vida dos cidadãos. Ninguém podia ficar indiferente à grandiosidade e proeminência da entrada na Strausberger Platz com as duas torres desenhadas por Henselmann para a Stalinallee.

O lado Ocidental daquela Berlim tão dividida tinha de encontrar uma resposta capaz de desencadear algo de novo e passível de fazer história. No fundo,

LEBER/ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

RESTAURANTE Inaugurado em 1964, o Moskau (Moscovo) transformou-se num dos edifícios icónicos de Berlim Leste

explicam Jörg Haspel e Thomas Flierl, nos dois lados de Berlim pretendia-se partir de conceitos que pressuponham um corte radical com o passado fascista e da guerra, "como contribuição para a construção de uma nova cidade, uma nova sociedade e um novo Estado e como início da educação de um novo homem".

Nasce então a Interbau 1957 — Exposição Internacional de Construção. Entre os 53 arquitetos convidados, oriundos de 13 países, estão alguns dos mais famosos nomes da arquitetura internacional. O plano é dirigido por Otto Bartning. O concurso de desenho urbano é ganho por Gerhard Jobst e Willy Kreuer, cujos planos são depois modificados na sua execução. A devastada zona de Hansaviertel é substituída por uma área urbana, nos antípodas da existência anterior. Os melhores arquitetos do mundo são desafiados a porem em prática as suas noções de habitação contemporânea, apresentada na exposição "A Cidade de Amanhã".

Surge uma mistura de diferentes tipos de edifícios, de arranjo urbano, de conceitos de habitação, muito inspirado em modelos americanos com o foco na mobilidade individual e no automóvel. A densidade construtiva é baixa e intercalada com amplos espaços verdes. Não há nenhuma ordem hierárquica do ponto de vista urbanístico e a escolha dos arquitetos obedece a critérios políticos muito claros. Um terço dos selecionados reside em Berlim ocidental, um terço é do resto da República Federal Alemã e o outro terço vem de países do chamado bloco ocidental, como forma de evidenciar a ideia de que aquela parte de Berlim estava firmemente ligada ao Ocidente.

Por oposição ao que muitos consideravam a rigidez programática e "a falsa pompa" de Stalinallee, a Interbau 1957 assumia-se como uma espécie de manifesto, através da arquitetura, de uma sociedade plural e democrática. Isso traduzia-se numa absoluta diversidade de edifícios, com múltiplas linguagens. Rapidamente começam a ser conhecidos excessos ou desmedidas liberdades criativas de alguns arquitetos, ao ponto de, numa discussão com Otto Bartning, o arquiteto Hans Stephan, responsável pelo planeamento e urbanismo, se ter visto na necessidade de proclamar que "até mesmo no mundo ocidental as coisas não podem ser aleatórias e tem de haver ordem".

Quando hoje se olha para o que possa ser o legado daquela "cidade de amanhã", Wilfried Wang convoca a ideia de cidade jardim, em Inglaterra, ou o que já fizera Le Corbusier. "As pessoas a viverem perto da natureza com uma espécie de relação bucólica entre padrões modernos e a cidade jardim. No Leste havia mais a ideia de representação do poder. A movimentação entre blocos de edifícios não era encorajada como uma componente normal do sistema de circulação que sempre houve na cidade tradicional."

Jean-Louis Cohen não considera que tenha envelhecido a conceção de cidade projetada para Hansaviertel, embora não veja como possam ser hoje interessantes as soluções para lá encontradas. Tal como, diz, já ninguém quer fazer ruas como as de Stalinallee.

"Berlim é muitas cidades." Era assim que em 1984 Werner Düttmann, ex-responsável pela edificação na cidade, caracterizava a diversidade cultural de Berlim. Ou seja, e como admitem Jörg Haspel e Thomas Flierl, uma cidade "como palco principal do modernismo, como um espaço urbano maltratado, como campo de experimentação para novos conceitos de arquitetura, como uma paisagem urbana histórica. Em poucas palavras, como uma 'Collage City'". Nesse sentido, a "'cidade de amanhã', o local da exposição e os seus satélites são hoje valorizados como uma indiscutível parte desta Berlim como 'Collage City' e protegida como área de conservação urbana. O mesmo se aplica à maestria de Karl-Marx-Allee, no Leste, com os seus quarteirões adjacentes".

O único arquiteto de língua portuguesa chamado a intervir na Interbau é o brasileiro Oscar Niemeyer (1907-2012). Terá chegado a Berlim Ocidental em fevereiro de 1955 a tempo de proferir uma conferencia na Technische Hochschule TH Charlottenburg e de negociar o seu projeto para um edifício de apartamentos em Hansaviertel.

Membro do Partido Comunista Brasileiro, Niemeyer acaba, com naturalidade, por ser convidado a visitar a Stalinallee. Segundo Vladimír Šlapeta, instado a pronunciar-se sobre aquele projeto, não terá sido muito expansivo, embora tenha declarado ser, "sem dúvida, um grande *boulevard* europeu".

Também desafiado a pronunciar-se sobre os dois conjuntos urbanísticos, Jean-Louis Cohen refere ter estado em Berlim em 1961. Visitou a Karl-Marx-Allee. "Causou-me grande impacto. Passei ainda algum tempo em Berlim Leste e conheci Hermann Henselmann. Gosto muito dos detalhes. Em Hansaviertel há edifícios de que gosto, outros nem tanto. O de Gropius é interessante, mas um pouco rígido. As torres projetadas por Raymond Lopez e Eugéne Beaudouin são mesmo más. Niemeyer é interessante, mas ele não queria aparecer associado àquilo e nunca mais mencionou o edifício de Berlim. Não gostou do modo como foi construído, mas estava errado, porque é um bom edifício."

De alguma forma, ambos os conjuntos expressam ideias ultrapassadas. Serão documentos históricos, mas dificilmente poderiam ser tomados de novo como programas. Algumas ideias, prossegue Cohen, "como a de continuidade urbana de Stalinallee, a ideia de relação íntima com os parques na Interbau, são boas, mas as formas são produto do seu tempo".

E aquele era, antes de mais, um tempo de combate ideológico. A arquitetura desenvolvida nos dois lados da cidade de Berlim funciona como uma forma de provocação ao outro. É, diz o arquiteto francês, "o problema da utilização da arquitetura para mensagens políticas. São os chamados valores proletários e a ideia de suposta sociedade livre no Ocidente. Tudo roda um pouco à volta daquela ideia de planos rígidos no Leste e planos livres no Ocidente, mas é tudo muito primário".

Em todo o caso, a provocação existiu e teve êxito, segundo Wilfried Wang. "As rivalidades acabam por ter sucesso porque, no final as coisas foram construídas. A guerra foi provocada pelos alemães, mas depois do desastre houve um sentido de que o futuro poderia ser possível e cada um dos sistemas acreditava na viabilidade do seu futuro".

O checo Vladimír Šlapeta não hesita em assumir que em Berlim a arquitetura foi utilizada como instrumento de propaganda. No início, diz, "a RDA concentrou uma enorme energia na construção de Stalinallee como símbolo da nova capital socialista". Um pouco mais tarde surge a resposta, "com financiamento do Plano Marshall, para a construção de Hansaviertel, bem como o arranha-céus Thyssen em Dusseldorf, ou o Pavilhão da Alemanha na Expo Bruxelas de 1958, ou ainda o edifício da Filarmonia de Berlim, de Scharoun, no Tiergarten, como símbolo de cultura e liberdade individual".

Numa disputa arquitetónica em que não há necessariamente vencedores e vencidos, esse combate ideológico através dos edifícios construídos como montra de cada um dos sistemas políticos torna-se mais evidente na zona de fronteira do Muro de Berlim.

Aí, o sentido de provocação é mais efetivo e mais agressivo. A partir de vários pontos, os habitantes podiam mirar o outro lado. Através dos edifícios espalhados pelo horizonte visível materializava-se aos seus olhos aquela singular e intensa batalha da cidade dividida. Ali, como em nenhum outro local, ficava materializado o confronto político e ideológico de uma guerra, nem sempre silenciosa, e quase nunca fria. ●

e@expresso.impresa.pt